



Interrelações entre linguagem, cultura e cognição em contextos de uso: complexidade e vieses transdisciplinares

O enquadre temático do presente número da revista *Matraga* sublinha o encontro da Linguística Cognitiva com o discurso e a cultura em contextos de uso. Nosso propósito, nesta introdução, é refletir sobre os modelos teóricos e perspectivas representadas nos trabalhos dos articulistas deste número e sobre o modo como colocam produtivamente em diálogo a linguagem, a cultura e a cognição. Para tal, ponderamos, sobre cada um dos conceitos do enquadre temático, suas interrelações e reverberações teóricas, metodológicas e sociais, iniciando pelo conceito de linguagem.

1. Linguagem

Embora popularmente as pessoas usem as palavras língua e linguagem para designar a mesma realidade, os conceitos revelam aspectos diferentes de um processo mais amplo – a comunicação humana. Dentre outras manifestações, ela envolve o uso das línguas. Ao longo de dois séculos e entre as grandes teorias linguísticas do século passado, o conceito de linguagem sofreu modificações drásticas: de um sistema de símbolos autônomo e abstrato, desvinculado de qualquer conexão com o mundo vivenciado ou as práticas socioculturais ao entendimento da linguagem como um sistema dinâmico, primariamente semântico, ou “uma manifestação de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural social e individual” (SILVA, 1997, p. 57); visão essa compartilhada pelos trabalhos aqui reunidos. Essa concepção de linguagem implica o compromisso de buscar correspondências entre a forma e o significado por meio de associações entre as pistas linguístico-discursivas, o pensamento e nossas vivências corpóreas, individuais e coletivas (GIBBS, 1996), fincadas na prática sociocultural. Em decorrência, o interesse pela estrutura e pelas formas dá lugar, nos artigos selecionados, ao interesse pelo uso, pela significação a partir de práticas discursivas e processos de categorização socioculturalmente ancorados.

Nos últimos 40 anos, esses processos vêm sendo estudados por meio da Teoria dos Protótipos e outros modelos teóricos da Linguística Cognitiva, especialmente as teorias da metáfora



conceptual, metonímia conceptual, esquemas imagéticos e integração conceptual. A Teoria dos Protótipos (ROSCH, 1973; ROSCH; MERVIS, 1975), pedra fundamental dos estudos sobre a categorização (TAYLOR, 1989; 2008; GEERAERTS, 1997), cede aos pesquisadores da área a possibilidade de entender com profundidade e adequação explanatória como e por que comunidades discursivas e culturas distintas categorizam o mundo diferentemente, de acordo com uma determinada perspectiva ou *construal* (LANGACKER, 1987)¹. Sem a categorização, como já dizia Saussure (1916), ao se referir à capacidade de simbolizar o mundo por meio de signos, nosso pensamento seria uma massa disforme e sem contornos, que não nos permitiria diferenciar ideias nem acomodar novas experiências e mudanças no mundo. Ao exercitarmos essa capacidade, partimos de usos mais claros ou salientes à percepção humana, os usos prototípicos, que motivam usos mais periféricos. Os atributos dos protótipos assim como a relação de parença que mantêm com suas extensões emergem de vivências cotidianas e dão testemunho à indeterminação do significado, às fronteiras difusas entre membros de uma mesma categoria ou ainda à flexibilidade na caracterização do próprio protótipo. A palavra ‘cartão’, investigada por um dos articulistas deste número (Guilherme Oliveira), tem como uso prototípico “papel espesso”, significado que na rede de sentido proposta pelo autor varia através de diferentes discursos (o futebolístico, o político, o social) e dá margem a efeitos prototípicos ou assimetrias na representatividade de cada membro na rede categorial. Ou seja, a polissemia da palavra ‘cartão’ pode ser explicada por efeitos prototípicos que emergem da íntima ligação entre seus usos e práticas socioculturais, como o futebol, por exemplo.

Tais efeitos emergem, dentre outros mecanismos cognitivos, devido a projeções metafóricas no processo de categorização do item ‘cartão’. A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), em sua proposta original (LAKOFF; JOHNSON, 1980; 1999; LAKOFF, 1993), propõe ser a metáfora um mecanismo sociocognitivo em que X é Y, ou seja, fazemos um jogo de faz de conta por meio de nossa capacidade imaginativa. A mesma ideia é comumente traduzida como compreender uma coisa em termos de outra, ao ligarmos aspectos de um domínio semântico a outro, por meio de mapeamentos que envolvem o conhecimento que temos sobre o domínio mais concreto (fonte) para outros mais abstratos (alvo). Esse jogo requer o engajamento em padrões inferenciais que emergem da experiência cotidiana. Sua análise se dá por meio da investigação das pistas linguístico-discursivas que se ligam ao pensamento e que apontam metáforas conceptuais subjacentes.

Nos últimos anos, o modelo foi revisitado sob uma perspectiva mais discursiva, sociocultural e empírica (STEEN, 2011; SILVA, 2021) e é recrutado pelos articulistas para explicar a já referida flexibilidade inerente ao significado. Ao mesmo tempo, os autores reforçam ser a metáfora um processo cognitivo, discursivo-social e culturalmente situado, com funções cognitivas, persuasivas e ideológicas. Naturalmente, cada um deles contribui com nuances particulares para o *framework* teórico-analítico, mas todos empreendem estudos de *corpus* que envolvem análise qualitativa e quantitativa, que atestam a base empírica de um modelo teórico-analítico centrado no uso, assumido pela Linguística Cognitiva. Enquanto Guilherme Oliveira mostra ser a

¹ Modos específicos de conceptualizar uma cena ou a experiência por meio de escolhas lexicais e sintáticas que tornam algumas entidades mais proeminentes do que outras e refletem a perspetivação do conceptualizador.

metáfora um dos mecanismos responsáveis pelos efeitos de prototipicidade na rede de sentidos da palavra ‘cartão’ em *corpora* dicionarista e midiática, Vitor Gonçalves e Fernanda Cavalcanti exploram os sentidos de ideologia nos discursos de Bolsonaro em seu primeiro ano de mandato, adotando a vertente crítica da metáfora (CHARTERIS-BLACK, 2004), chancelada pelos estudos de nosso entrevistado, Professor Andreas Musolff (2004; 2016). Ao fazê-lo, os autores relacionam valores e crenças do enunciador à emergência de determinadas metáforas conceptuais, como IDEOLOGIA É SUJEIRA. Tal qual Vitor Gonçalves e Fernanda Cavalcanti, Luciane Ferreira e Livia Melo recorrem à TMC para entender como imigrantes e refugiados conceptualizam a experiência de se preparar para o ENEM e iniciar a vida universitária. Em suas falas, recorrem à metáfora do contêiner (NAÇÃO É UM CONTÊINER; Mussolf, 2015), quando falam do Brasil, e à metáfora do CAMINHO (LAKOFF, 1987), quando falam das dificuldades e obstáculos no processo de aprendizagem do português e preparação para o ENEM até chegarem à META, o diploma universitário. À semelhança dos articulistas acima mencionados, María Muelas e Manuela Romano buscam em Musolff (2016) o conceito de *cenário metafórico*, para explicar como os processos cognitivos são modelados pela e na interação com as práticas e estruturas sociais. Enquanto mininarrativas que embutem o conhecimento pragmático e aspectos típicos de uma situação discursiva (seus participantes, papéis, inferências avaliativas, intenções, histórias etc.), os cenários metafóricos são usados para caracterizar as metáforas multimodais, interesse primário das autoras. Essa noção, proposta em trabalhos anteriores de Romano (ROMANO, 2016), amplia o conceito de metáfora conceptual, abrangendo ainda os de criatividade metafórica multimodal e polarização metafórica, e é usada pelas duas autoras na análise dos cenários e narrativas presentes em pôsteres que tematizam a violência de gênero contra a mulher em campanhas publicitárias na Espanha. Musolff (2006) argumenta que a análise desses cenários agrega valor às investigações baseadas em mapeamentos metafóricos, ao estabelecer os elos entre os vários possíveis espaços FONTE e gerar uma história coerente que pode ser mapeada sobre o domínio ALVO, permitindo assim que os interlocutores cheguem a um ponto comum no processo de compreensão. No caso de María Muelas e Manuela Romano, trata-se da ideia de que mulheres e sociedade unidas podem colocar um fim a essa “história de horror”. Fica em aberto o papel que o conceito pode exercer na propagação de posicionamentos que possam “reverter tendências anti-humanistas em nossa sociedade, que “maculam a comunicação racional” (MUSOLFF, em entrevista concedida à *Matraga* 59). Enfim, os modelos de uso e respectivas análises demonstram a intrínseca relação entre a metáfora e o nosso sistema conceptual assim como com as práticas socioculturais individuais e coletivas que estruturam nosso pensamento no processo de significação. Por meio das metáforas, sinalizamos intenções, ideologias e posicionamentos – perspectivamos (LANGACKER, 1987; TAYLOR, 1989).

Nesse processo, as metonímias têm um papel a cumprir no enquadramento (*framing*)² das cenas cotidianas. Tanto quanto a metáfora, a metonímia conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980;

² Ato de selecionar e destacar certos aspectos da realidade percebida para torná-los mais perceptíveis ou salientes à cognição – torná-los figura no jogo assimétrico entre o que é figura e o que é fundo. Langacker (1987) e Talmy (1988; 2000) referem-se à operação como sendo a habilidade de perfilar ou direcionar a atenção para eventos, entidades ou atributos em torno dos quais uma cena é organizada.

CROFT, 1993; PANTHER; RADDEN, 1999) é aqui entendida como estrutura de pensamento e não apenas de linguagem, já que linguagem e pensamento são inseparáveis na Linguística Cognitiva. Ao mesmo tempo, no modelo metonímico, o mapeamento acontece em um mesmo domínio, por contiguidade, ao estabelecer relações entre PARTE-TODO, CAUSA-EFEITO, CONTINENTE-CONTEÚDO, entre várias outras, perfilando determinadas partes da ação ou do objeto referido em função da perspectivação (LANGACKER, 1987; TAYLOR, 1989) ou do modo como o sujeito vê a cena em questão. Enquanto a similaridade conceitual é a base da metáfora, a metonímia baseia-se na relação de contiguidade conceitual, entendida como categoria prototípica, cujo protótipo de contiguidade espacial PARTE-TODO ou relação de constituição material, estende-se para diferentes graus de contato e outros domínios, como TEMPO ou EVENTO (PEIRSMAN; GEERAERTS, 2006). Trata-se, segundo Feltes (2007), de uma fonte de efeitos prototípicos das mais significativas no processo de categorização, já que um membro da categoria ou subcategoria é tomado como o mais representativo ou central. Alguns dos artigos aqui reunidos também se apoiam no modelo metonímico, para mostrar como esses efeitos de enquadramento explicam a significação em contextos situados: é o caso de Guilherme Oliveira em seu estudo sobre a polisssemia do item ‘cartão’; de Luciane Ferreira e Lívia Melo ao analisarem a fala de imigrantes em preparação para o ENEM; de Francisca da Silva Santos e Alan Lobo ao discutirem a categorização metonímica de formas básicas por crianças com transtorno de espectro autista (TEA). Tanto em Oliveira quanto em Ferreira e Melo, metonímia e metáfora coexistem nos processos de significação. Sentidos do item ‘cartão’ no discurso futebolista, por exemplo, são perfilados por relações do EFEITO PELA CAUSA – ‘*O duplo cartão vermelho fez subir temperaturas no estádio x*’. Em Ferreira e Melo, a obtenção de um diploma é perfilada como causa da integração e ascensão social por imigrantes recém-chegados ao Brasil. Já em da Silva Santos e Lobo, os efeitos de prototipicidade gerados pelo modelo metonímico são correlacionados com a memória de trabalho e o tempo de resposta dos participantes durante a testagem verbal e não verbal. As interrelações pontuadas pelos autores vêm sendo pauta de trabalhos na área da saúde, na Psicolinguística (MERCADO et al., 2020) e na Linguística (MOUSINHO, 2003), principalmente devido às dificuldades socio-comunicativas e pragmáticas comuns a esse grupo, dentre elas identificar o membro prototípico em uma relação de contiguidade. Embora a literatura na área esteja longe de exaurir o tópico, vem ilustrando a variabilidade nas competências metafóricas e metonímicas dessas crianças assim como o papel de vários fatores linguísticos e comunicativos no processo (ver MELOGNO et al., 2012, para uma resenha sobre o tema). Apesar de o estudo de Francisca da Silva Santos e Alan Lobo abarcar uma pequena amostragem, ilustra alguns desses fatores e marca sua relevância pelas potenciais contribuições às áreas da saúde e da educação inclusiva, pois a capacidade semântico-cognitiva das crianças participantes desponta como auspiciosa. Se o fato de identificar o membro prototípico, como aconteceu com esses participantes, mesmo que com tempo de processamento alongado, implica na compreensão real da categoria, é outra questão ainda por ser investigada. Do mesmo modo, se essas crianças desempenhariam igualmente bem em testes que envolvessem membros menos típicos ou até mesmo atípicos, só investigações futuras poderão esclarecer.

Fato é que ao categorizarmos, geramos efeitos de prototipicidade (GEERAERTS et al, 1994), demonstrativos dos diferentes graus de representatividade entre os membros de uma categoria e

da possibilidade de os agruparmos em subconjuntos com significados semelhantes ou distintos, ou ainda como se possuíssem elos familiares (WITTGENSTEIN, 1953) que lhes conferem pelo menos o mesmo DNA (SECUNDINO; SALIÉS, 2021), a despeito de todas as outras diferenças. Como pode haver imbricação ou sobreposição entre eles, demarcar fronteiras é desafiante, mas ainda assim é possível explicar como e por que se dá o encadeamento dos elos de semelhança, seja por relações metafóricas, seja por relações metonímicas ou, em alguns casos, por meio de ambas – as relações metaftonímicas (GOOSSENS, 2003; GIBBS, 1994).

Há ainda uma outra noção fundamental para o entendimento dos processos de categorização e efeitos de prototipicidade: a de esquema imagético, entendida como padrão geral abstraído de nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação de objetos e de interações perceptivas em experiências básicas do cotidiano (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987; HAMPE, 2005; GIBBS; COLSTON, 2006). Os esquemas imagéticos de CONTÊINER, ORIGEM-CAMINHO-META, VERTICALIDADE, FORÇA, entre outros, são o objeto de alguns articulistas nesse propósito. Elaine Nunes, na área do ensino de línguas adicionais, especificamente o inglês, articula o conceito com o processo metafórico, para dar conta da significação de “*give up*”. A partir dos esquemas imagéticos projetados por “*give up*”, a articulista elabora sofisticadas animações com potencial de desvelar e mediar a aprendizagem dos diferentes sentidos do verbo. A inspiração veio do modelo visual para o significado das partículas proposto por Rudzka-Ostyn (2003), fundamentado na metáfora conceptual CONTÊINER, segundo a qual estruturamos alguns conceitos como se fossem uma região delimitada no espaço, dentro da qual há conteúdos (a lógica DENTRO-FORA). Conjecturando que se a partícula “*up*” mantém seu sentido espacial, mais facilmente se compreende o significado do *phrasal verb*, Nunes ilumina a dinamicidade dos esquemas imagéticos e sua capacidade de se combinar entre si na construção de significado, aspectos nem sempre destacados em pesquisas nesse viés. A abordagem é muito inovadora e pode vir a se constituir em um marco no ensino de línguas em geral, já que combina multimodos em pequenos filmes, no intuito de coconstruir sentido com o público-alvo, aprendizes de inglês. Canais perceptuais, como a visão e a audição, juntam-se ao movimento e descortinam as muitas possíveis contribuições da Linguística Cognitiva para o ensino-aprendizagem de línguas.

Do conjunto de trabalhos mais associados aos processos de categorização e de significação, destacam-se contribuições descritivas, problematizações e aplicações discursivas, didáticas e psicolinguísticas para um conjunto diversificado de fenômenos linguísticos no léxico, na gramática e no discurso, como a polissemia, as categorias radiais e os efeitos de prototipicidade; a perspectiva sociocognitiva da figuratividade, capaz de dar conta tanto da realidade psicológica como da realidade intersubjetiva e sociocultural da metáfora e da metonímia conceptuais e do seu papel central, quer na cognição, quer na comunicação; a relevância do conceito de *cenário metafórico* e a realidade impactante da metáfora multimodal (FORCEVILLE; URIOS-APARISI, 2009) em diversos discursos e contextos sociais, como os novos discursos sobre e contra a violência de gênero contra a mulher, aqui exemplarmente estudados por María Muelas e Manuela Romano; a evidência dos esquemas imagéticos para o princípio epistemológico da *corporização* da linguagem e do pensamento assumido pela Linguística Cognitiva, uma corporização não apenas sensório-motora, mas também socioculturalmente situada, de que a recente virada social da



Linguística Cognitiva procura dar conta (GEERAERTS, 2016); os processos cognitivo e discursivo de integração conceptual, complementar da metáfora conceptual, mas mais abrangente do que esta, já que considera o acionamento de informações relativas ao contexto e à análise do que acontece no processamento *on-line* do discurso; e ainda a metodologia empírica, sustentada em análises multifatoriais qualitativas e quantitativas de *corpus* ou experimentais, necessárias para testar esses e outros construtos teóricos da Linguística Cognitiva, em linha com a sua recente virada empírica.

2. Cultura

Várias foram as menções anteriores feitas às práticas culturais, a aspectos socioculturais. Como o conceito de cultura é aqui entendido? Embora haja uma miríade de definições disponíveis, interessa-nos particularmente algumas mais recentes, por pensar “cultura” à luz da mobilidade do mundo contemporâneo em tempos de imigração, trocas intensas entre os países do mundo e crescente diversidade. O conceito, na voz de Sperber, é um fenómeno constituído acima de tudo por ideias que se propagam e contagiam – “*Culture is made up, first and foremost, of such contagious ideas*” (SPERBER, 1996, p. 1). Aos linguistas, caberia assim explicar a distribuição de ideias em uma cultura e o sucesso de umas em relação a outras, já que algumas “contagiam”. A metáfora do contágio permite que o autor sugira não haver fronteiras entre as representações culturais (as distribuídas em um grupo social) e as individuais: “*there is no boundary, no threshold, between cultural representations and individual ones*” (p. 49).

Projetando esse entendimento de cultura para o domínio da Linguística Cognitiva, pode-se ver desdobramentos interessantes. Um deles no âmbito da categorização (TAYLOR, 1989) e dos Modelos Cognitivos Idealizados³ (LAKOFF, 1987). Ao pensarmos como um indivíduo forma categorias que habitam seus MCIs, forçosamente temos que considerar e explicar por que algumas representações ocupam o centro categorial e geram “contágio” assim como os mecanismos responsáveis por ele. O segundo, é a necessidade de se estudar os processos de categorização a partir de modelos de uso situados em um tempo e espaço que nos permitem, a partir de pistas linguístico-discursivas, indiretamente aferir o que se dá no âmbito conceptual. Os estudos neste volume variam no modo como buscam nas práticas socioculturais as âncoras dos processos de categorização prototípica, de figuratividade metafórica e metonímica, de integração conceptual e de outros mecanismos de conceptualização e significação. Ulrike Schröder, no artigo que abre este número, postula ser a Linguística Cultural (PALMER, 1996; BERNÁRDEZ, 2008; SHARIFIAN, 2011; 2017) a corrente que une os interesses da Linguística Cognitiva aos da Linguística Antropológica, ao propor conceitos específicos na interface desses dois campos de atuação e ao reconfigurar conceitos-chave da Linguística Cognitiva para dar conta da sua base cultural; dentre esses conceitos encontram-se a categorização, os esquemas, as metáforas e os modelos culturais. Tecendo um panorama histórico sobre a relação entre linguagem, cultura e cognição no decorrer de três séculos, primeiramente no

³ Um conceito ou rede de conceitos relacionados armazenado(a) na memória de longo prazo, que organiza o conhecimento de mundo em categorias, por meio de suas características mais significativas ou salientes. Podem ser proposicionais, não proposicionais ou imagéticos.

campo da filosofia e depois, já na primeira metade do século passado, nos campos da antropologia e da linguística, Schröder sinaliza os atuais caminhos e desafios da Linguística Cultural, a partir de temas da contemporaneidade: o inglês como língua franca, a comunicação intercultural, a fala-em-interação multimodal, *World Englishes* e línguas pluricêntricas com base em pesquisas pautadas em *corpora*. A autora chega ainda a uma metáfora que bem resume a discussão sobre o conceito de “cultura” – CULTURA É CONTÊINER, pois contém pessoas, práticas sociais, atitudes, crenças e ideologias que se propagam e contagiam, como já nos dizia Dan Sperber.

Não há, portanto, como se considerar a “cultura” sem se considerar a experiência de vida dos sujeitos viventes. Daí Lakoff e Johnson (1980) firmarem o experiencialismo como a corrente filosófica que norteia os estudos no âmbito da Linguística Cognitiva. Trata-se de uma visão antiessencialista do mundo, que rechaça a possibilidade de haver certezas racionais absolutas e sublinha a subjetividade que emerge da experiência mundana como lócus da significação assim como a diversidade cultural. Temos nos artigos aqui reunidos testemunhos da vitalidade dessa visão de cultura e do seu entrelaçamento com a significação.

Postas essas considerações acerca da linguagem e da cultura, a orientação teórica assumida pelos articulistas em relação ao terceiro conceito do enquadre temático – a cognição – parece-nos já claramente delineada. Com o intuito de desambiguar qualquer que possa ser a incerteza, enfocamos o conceito na próxima seção.

3. Cognição

O enquadre aqui proposto afasta o conceito de cognição de entendimentos estéreis, que não envolvam as pessoas, suas vivências e os contextos imediatos de interação. É uma cognição fundamentalmente social e performada relativamente às cenas, de tal forma que sua natureza perspectival, emocional e interacional (com o meio e com os outros) atua nos processos de construção de sentido (BARSALOU, 2008). Em outras palavras, o enquadre entende que nós cognizamos relativamente ao espaço perceptual/conceptual em que nos colocamos, e nossa perspectiva sofre influência desse espaço.

Nada mais natural, portanto, que estudar modos alternativos de ver ou de enquadrar uma determinada cena ou as rotas de conceptualização que podem ser recuperadas pelos interlocutores na coconstrução do significado. Nesse intuito, noções, como espaço discursivo (CHILTON, 2004) e *construal* (LANGACKER, 1987), agregam ao ferramental analítico recrutado pelos articulistas. Gonçalves-Segundo usa-os para combinar a Análise Crítica do Discurso (ACD) com a Linguística Cognitiva e destrinçar o propósito comunicativo em tuíte de Carlos Bolsonaro no cenário pós-eleição 2022 no Brasil: legitimar a intervenção militar nos processos políticos. Os espaços discursivos, um tipo especial de espaço mental⁴ (FAUCONNIER; TURNER, 2002)

⁴ Estruturas de conhecimento efêmeras, “pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos. Nós conectamos esses espaços entre si e também os relacionamos a conhecimentos mais estáveis. Muitas evidências para essas atividades mentais implícitas e para as conexões dos espaços mentais são fornecidas através de conhecimentos linguísticos e gramaticais” (FAUCONNIER, 2005, em entrevista concedida a COSCARELLI).



segundo Sperber (2000), denunciam o posicionamento das entidades discursivas ideacional e ideologicamente, permitindo que eventos, pessoas, objetos, processos sejam conceptualizados. A união de forças entre a ACD, a Linguística Cognitiva e a análise do espaço discursivo (CHILTON, 2004) já vem ganhando posição mais proeminente na área desde 2007 pelas mãos de Andreas Musolff, Christopher Hart, Piotr Cap, dentre outros, liderada pela Análise Crítica da Metáfora (CHARTERIS-BLACK, 2005). Como argumenta Gonçalves-Segundo, é uma união que ainda requer maior estudo e aprofundamento. No entanto, como mostra a análise do autor e outras já realizadas (HART, 2007; 2014; 2017, dentre outros), é uma união promissora, que pode vir ao encontro dos objetivos de uma agenda de pesquisa que integre o crítico ao discursivo-cognitivo, como a aqui abraçada por María Muelas e Manuela Romano, Paulo Gonçalves-Segundo, Luciane Ferreira e Livia Melo, Vitor Gonçalves e Fernanda Cavalcanti.

Ao mesmo tempo, a exemplo de Gonçalves-Segundo, nossos articulistas firmam o compromisso com a cognição social e a materializam na caracterização da linguagem de acordo com o que se sabe sobre a categorização humana, o pensamento, a mente, em outras disciplinas, selando a união inexorável da linguagem com a cognição: uma cria a outra e vice-versa. Consoante a Lakoff (1987), é esse o compromisso que torna a Linguística Cognitiva, “cognitiva”, e uma abordagem fundamentalmente interdisciplinar, por essência. Acima de tudo, trata-se de um compromisso metodológico com o propósito de ilustrar como “a cognição, a consciência, a experiência, a corporificação, a mente, o *self* e a interação humana, a sociedade, a cultura e a história estão todos inextricavelmente interligados de modo rico, complexo e dinâmico no uso da linguagem”⁵ (ELLIS; ROBINSON, 2008, p. 3; tradução nossa).

4. Compreendendo fenômenos complexos: da linguística cognitiva à transdisciplinaridade

Em decorrência do compromisso cognitivo e da agenda crítico-discursiva que os perpassa, os artigos aqui reunidos recorrem a métodos mistos (CRESWELL, 2007), que integram pistas, facetas e categorias da Linguística Cognitiva, da Pragmática, da Análise Crítica do Discurso, da Antropologia Linguística e de outras áreas, para ampliar o conhecimento sobre os fenômenos estudados e explicar a razão e o porquê das coisas (GIL, 1987). As categorias de análise recrutadas pela maioria dos articulistas emergem de seus *corpora*, espaço em que recorrem e permitem o raciocínio abduutivo, um diálogo continuado entre os níveis micro e macro e as várias formas de se entender e interpretar o fenômeno enfocado (SALIÉS, 2020). Ao fazê-lo, não garantem verdades absolutas, mas sim uma heurística de geração, mudança e expansão do conhecimento sobre um determinado fenômeno a partir da probabilidade das conclusões inferidas em momentos sucessivos da pesquisa. Por essa razão, tais inferências são passíveis de reparação, à medida que a análise demonstra alternativas mais aderentes. Esse processo é narrado por Brízzida

⁵ No original: “Cognition, consciousness, experience, embodiment, brain, self, and human interaction, society, culture, and history are all inextricably intertwined in rich, complex, and dynamic ways in language”.

Caldeira e Estefani Gumiéro, ao detalharem o passo a passo lógico percorrido para superar os desafios enfrentados durante suas pesquisas.

As autoras apoiam-se na Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 1996; 1998; 2002), modelo da Linguística Cognitiva introduzido por Fauconnier e Turner, para explicar a significação por meio de mapeamentos ou correspondências entre ideias e cenários de todo tipo, inclusive díspares. Cada cenário estrutura um espaço mental, em uma rede de pelo menos três espaços mentais. Por meio das relações vitais entre eles – CAUSA-EFEITO, IDENTIDADE, DESANALOGIA, ESPAÇO, TEMPO –, emerge um novo todo conceptual com propriedades únicas, a *mescla*. Gumiéro assume serem a *mescla* e a *metáfora* processos cognitivos subjacentes, correlacionados e fundamentais à criação de sentidos em gêneros multimodais, como a *charge*. Já Caldeira, recorre às *mesclas* para compreender o caráter elíptico da linguagem das histórias em quadrinhos (verbal e icônica), cujas transições entre vinhetas provocam o engajamento dos leitores em processos inferenciais, comprimidos na *mescla*. Usa-as ainda para averiguar se houve construção de conhecimento por aprendizes de Português como Língua não Materna, principalmente falantes de herança, ao contrastar as *mesclas* presentes nos materiais pedagógicos às presentes em produções orais proferidas pelos alunos seis meses após a realização das práticas pedagógicas. Ambas defendem a inter/transdisciplinaridade⁶ como alternativa metodológica, para dar conta das relações que se comprimem na *mescla* assim como dos Modelos Cognitivos e/ou *frames* que estruturam cada um dos espaços mentais em sua rede de análise.

Em termos discursivos, os artigos reunidos exploram a sinergia entre a Linguística Cognitiva e a Análise Crítica do Discurso, especialmente o que se tem chamado nos últimos anos de Análise Sociocognitiva e Crítica do Discurso (CHARTERIS-BLACK, 2005; HART, 2010; 2014; KOLLER, 2014; MUSOLFF, 2004; 2016; ROMANO e PORTO, 2016): o discurso midiático; o novo discurso de ação e esperança, exortando as mulheres a serem cidadãs ativas no combate à violência de gênero, que, como mostram Muelas e Romano, vem substituindo o discurso tradicional de perigo e ameaça e da mulher como vítima submissa; o discurso da esperança na voz de imigrantes que têm o Português como língua de acolhimento e que almejam reconstruir suas vidas por meio da educação superior; o discurso político seja em discursos oficiais, seja em tuítes e entrevistas; o discurso do ensino-aprendizagem de línguas adicionais; o discurso da pandemia de COVID-19, que, desde o seu início em 2020, marca as nossas vidas de forma inexorável.

A produtividade e adequação explanatória da âncora sociocognitiva e cultural vêm sendo objeto de publicações recentes, conforme ilustra a resenha de Silvia Peterssen para a *Matraga* 59. Segundo a articulista, o livro *Figurative Language - Intersubjectivity and Usage* (SILVA, 2021) prima por demonstrar serem as metáforas, as metonímias e outros usos figurativos da linguagem situados socioculturalmente e ancorados na intersubjetividade, pelo que se tornam necessárias metodologias multifatoriais e interdisciplinares.

Em outras palavras, são contribuições que iluminam questões não apenas sobre a conceptualização *per se*, mas que usam conceptualizações evocadas pelo e no discurso, para jogar luz sobre

⁶ Foge ao escopo desta introdução discutir a diferença entre os termos. Maior detalhamento poderá ser encontrado em Morin. (2007).



temáticas atuais a partir de um viés transdisciplinar. Integram o conhecimento construído no fazer da Linguística Cognitiva com o de disciplinas afins – Filosofia, Antropologia Linguística, Psicologia, Psicolinguística, Sociolinguística, Sociologia, Análise Crítica do Discurso, Linguística Aplicada, dentre outras. Fazem-no com o propósito de entender problemas que vêm definindo a contemporaneidade e sua representação em meios midiáticos: imigração forçada e voluntária, polarização política e ideológica, violência de gênero, embates culturais, educação inclusiva de crianças com TEA etc. São problemas complexos, difíceis de serem destrinchados na esfera de uma única disciplina.

Integrar conhecimento, mesmo que ainda visto como controverso em uma academia ainda muito fechada em muros disciplinares, parece-nos um viés promissor. Transgredir e transcender a esses muros, exige “um modo diferente de ver o mundo [isto é] de modo mais sistêmico e holístico (MAX-NEEF, 2005 em RIGOLOT, 2020)⁷, um “modo de ser”, como pontua Rigolot. Fazer pesquisa transcendendo muros pede colaboração não apenas no nível prático, mas também no teórico-metodológico, pede Ciência Aberta⁸, que dentre outras coisas defende o compartilhamento de processos de modo transparente. Com base no trabalho do filósofo Edgard Morin (1982), Max-Neef afirma, em linha com as assunções da Linguística Cognitiva, que “visões sistêmicas afastaram assunções de que a natureza pode ser descrita, analisada e controlada em termos simples e correlacionados à linearidade da lógica tradicional” (2005, p. 15)⁹.

Naturalmente, o caminho percorrido pelos autores assim como seus dados e achados abrem espaço para várias outras problematizações igualmente complexas, dentre elas, “Como estudos que recrutem os modelos teóricos da Linguística Cognitiva podem estar a serviço da resistência ao preconceito, ao racismo e à opressão contra grupos minoritários?”, “Como demonstrar com os modelos teóricos da Linguística Cognitiva que a percepção humana é mediada pelas relações entre o indivíduo e o mundo, a partir de uma realidade experienciada e reiteradamente construída?”, “Se todo o nosso aparato perceptivo é mediado por Esquemas Imagéticos, qual seria o seu impacto na aprendizagem em geral?”, “Se as metonímias são motivadas por requisitos referenciais e comunicativos, como pensar intervenções dialógicas e situadas que contribuam para a sua categorização por crianças com TEA, na e pela socialização da linguagem?”.

Não nos parece viável gerar inteligibilidades sobre questões desta ordem de complexidade sem transcendermos aos muros disciplinares e paradigmas teóricos particulares, promovendo sinergias entre diferentes áreas de conhecimento que se interessam pela linguagem dentro do paradigma atual das ciências cognitivas de segunda geração (GIBBS, 2006), explorando as relações entre linguagem, cognição e sociedade-cultura. Buscar as facetas múltiplas que constituem esse diamante (RICHARDSON, 2018) oferece-nos a oportunidade de contribuir nesse sentido. Os variados caminhos percorridos pelos autores refletem, cada um a seu modo, um trajeto próprio nessa direção. Ao mesmo tempo, parece-nos razoável pontuar que uma “revolução cog-

⁷ “a different manner of seeing the world [that is] more systemic and holistic.”

⁸ Mais informações em: <<https://www.rnp.br/noticias/o-que-e-ciencia-aberta-e-como-ela-pode-facilitar-vida-de-cientistas>>. Acesso em: 01 abr. 2023.

⁹ “Systemic visions have brought about the demise of the assumptions that Nature can be described, analyzed and controlled in simple terms that correlate with a traditional linear logic.”

nitiva, que perspective ser a justiça social consequência da justiça cognitiva” (VALLE, 2022, p. 23) coloca em pauta a necessária conscientização sobre como são construídas as relações sociais. Esperamos que o presente número da *Matraga* possa vir ao encontro desse objetivo. Desejamos-lhes uma leitura proveitosa.

Tânia Gastão Saliés e Augusto Soares da Silva

REFERÊNCIAS

- BARSALOU, Lawrence. Grounded cognition. *Annual Review of Psychology*. n. 59, p. 617-645, 2008.
- BERNÁRDEZ, Enrique. *El Lenguaje como Cultura: una Crítica del Discurso sobre el Lenguaje*. Madrid: Alianza Editorial, 2008.
- CHARTERIS-BLACK, Jonathan. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.
- CHILTON, Paul A. *Analysing political discourse: theory and practice*. London; New York: Routledge, 2004.
- COSCARELLI, C. V. Uma conversa com Gilles Fauconnier. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada [online]*. v. 5, n. 2, p. 291-303, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1984-63982005000200012>>. Acesso em: 09 jul. 2022.
- CRESWELL, John. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução por Luciana de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CROFT, WILLIAM. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. *Cognitive Linguistics*. v. 4, n. 4, p. 335-370, 1993. Disponível em: <<https://doi.org/10.1515/cogl.1993.4.4.335>>. Acesso em: 03 abr. 2023.
- ELLIS, Nick; ROBINSON, Peter. An introduction to cognitive linguistics, second language acquisition, and language instruction. In: ROBINSON, Peter, ELLIS, Nick (Orgs.). *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language acquisition*. New York: Routledge, 2008, p. 3-24.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Blending as a central process of grammar. In: GOLDBERG, Adele. *Conceptual Structure, Discourse, and Language*. Stanford: Center for the Study of Language and Information [distributed by Cambridge University Press], 1996, p.113-130.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Conceptual Integration Networks. *Cognitive Science*. v. 22, n. 2, p. 133-187, 1998.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.
- FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- FORCEVILLE, Charles J.; URIOS-APARISI, Eduardo (Orgs.). *Multimodal Metaphor*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2009.
- GEERAERTS Dirk.; GRONDELAERS S.; BAKEMA, P. *The structure of lexical variation. Meaning, naming and context*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1994.



- GEERAERTS, Dirk. The sociosemiotic commitment. *Cognitive Linguistics*. v. 27, n. 4, p. 527-542, 2016.
- GEERAERTS, Dirk. **Diachronic Prototype Semantics. A Contribution to Historical Lexicology**. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- GIBBS, Raymond, W.; COLSTON, Herbert L. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. In: GEERAERTS, Dirk (Org.), **Cognitive linguistic: basic readings**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006.
- GIBBS, Raymond W. **The poetics of mind: figurative thought, language, and understanding**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- GIBBS, Raymond W. **Embodiment and Cognitive Science**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas S/A, 1987.
- GOOSSENS, Louis. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Orgs.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003.
- GOULART, Tatiana S.; SALIÉS, Tânia G. Multiple senses of the verb *pegar* in Brazilian Portuguese: transformation of image schemas. *SciELO Preprints*. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1678-460x202153564>>. Acesso em: 03 abr. 2023.1987
- HAMPE, Beate (Org.). **From Perception to Meaning. Image schemas in Cognitive Linguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.
- HART, Christopher. Critical discourse analysis and conceptualization: mental spaces, blended spaces and discourse spaces in The British National Party. In: HART, C.; LUKES, D. (Orgs.). **Cognitive Linguistics in Critical Discourse Analysis: application and theory**. 2007, p. 107-131.
- HART, Christopher. **Critical discourse analysis and cognitive science: new perspectives on immigration discourse**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- HART, Christopher. Construal operations in online press reports of political protests. In: HART, C.; CAP, P. (Orgs.). **Contemporary Critical Discourse Studies**. London: Bloomsbury. 2014, p. 167-188.
- HART, Christopher. **Metaphor and intertextuality in media framings of the (1984-85) British miners' strike: A multimodal analysis**. *Discourse & Communication*. v. 11, n. 1, p. 3-30, 2017.
- JOHNSON, Mark. **The Body in the Mind. The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- KOLLER, Veronika. **Metaphor and Gender in Business Media Discourse: a Critical Cognitive Study**. Basingstoke: Palgrave, 2014.
- LAKOFF, George. **Women, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (Org.), **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought**. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, Ronald. **Foundations of cognitive grammar**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

MAX-NEEF, M.A. Foundations of transdisciplinarity. **Ecol Econ**. v. 53, n. 1, p. 5-16, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2005.01.014>>. Acesso em: 03 abr. 2023.

MELOGNO, Sergio; PINTO, Maria; LEVI, Gabriel. Metaphor and metonymy in ASD children: a critical review from a developmental perspective. **Research in Autism Spectrum Disorders**. n. 6, p. 1289-1296, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.rasd.2012.04.004>>. Acesso em: 03 abr. 2023.

MERCADO, E.; CHOW, K.; CHURCH, B. A.; LOPATA, C. Perceptual category learning in autism spectrum disorder: truth and consequences. **Neuroscience & Biobehavioral Review**. n. 118, 689-703, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2020.08.016>>. Acesso em: 03 de abr. 2023.

MORIN, Edgar. Desafios da transdisciplinaridade e da complexidade. In: AUDY, Jorge L. M.; MOROSINI, Marília. C. (Orgs.). **Inovação e interdisciplinaridade na universidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. p. 22-31.

MORIN, Edgar. From the concept of system to the paradigm of complexity. **Journal of Social and Evolutionary Systems**. v. 15, n. 4, p. 171-385, 1982. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/1061-7361\(92\)90024-8](https://doi.org/10.1016/1061-7361(92)90024-8)>. Acesso em: 03 de abr. 2023.

MOUSINHO, Renata. **Aspectos linguístico-cognitivos da Síndrome de Asperger**: Projeção, Mesclagem e Mudança de Enquadre. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

MUSOLFF, Andreas. **Metaphor scenarios in public discourse**. **Metaphor and Symbol**. v. 21, n. 1, p. 23-38, 2006.

MUSSOLFF, Andreas. **Metaphor and political discourse: analogical reasoning in debates about Europe**. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

MUSSOLF, Andreas. **Political Metaphor Analysis: Discourse and Scenarios**. London: Bloomsbury, 2016.

PALMER, Gary. **Toward a theory of cultural linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1996.

PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Günter (Orgs.). **Metonymy in Language and Thought**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

PEIRSMAN, Yves; GEERAERTS, Dirk. Metonymy as a prototypical category. **Cognitive Linguistics**. n. 17, p. 269-316, 2006.

RICHARDSON, Laurel. Novas práticas de escrita em pesquisa qualitativa. Tradução de Humberto Issao Sueyoshi. **Urdimento**, v. 2, n. 32, p. 542-561, 2018.

RIGOLOT, Cyrille. Transdisciplinarity as a discipline and a way of being. Complementarities and creative tensions. **Journal of Humanities and Social Sciences Communication**. n. 7, artigo n. 100, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1057/s41599-020-00598-5>> e <<https://www.nature.com/articles/s41599-020-00598-5>>. Acesso em: 01 abr. 2023.

ROMANO, Manuela; PORTO, Maria Dolores (Orgs.). **Exploring Discourse Strategies in Social and Cognitive Interaction. Multimodal and cross-linguistic perspectives**. Amsterdam: John Benjamins, 2016.



ROSCH, Eleanor. Natural categories. **Cognitive Psychology**. n. 4, p. 328-50. 1973.

ROSCH, Eleanor; MERVIS, Carolyn. Family resemblances: studies in the internal structure of categories. **Cognitive Psychology**. n. 7, p. 573-605. 1975.

RUDZKA-OSTYN, Brygida. **Word power: phrasal verbs and compounds – a cognitive approach**. Berlim; Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2003.

SALIÉS, Tânia Gastão. Linguística cognitiva aplicada: o que é? *In*: SALIÉS, Tânia Gastão. **Linguística Cognitiva Aplicada**. Rio de Janeiro: LetraCapital, 2020, p. 7-23.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975 [1916].

SECUNDINO, Tatiana; SALIÉS, Tânia G. Multissignificações do verbo pegar: transformações de esquemas imagéticos. *In: SciELO Preprints*. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1678-460x202153564>>. Acesso em 02 maio, 2023.

SHARIFIAN, Farzad (Org.). **Advances in cultural linguistics**. Singapore: Springer, 2017.

SHARIFIAN, Farzad. **Cultural conceptualizations and language: Theoretical framework and applications**. Amsterdam: John Benjamins, 2011.

SILVA, Augusto Soares da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**. v. 1, n. 1, p. 59-101, 1997.

SILVA, Augusto Soares da. Introduction. Figurative language: Intersubjectivity and usage. *In*: Silva, A. S. (Org.). **Figurative Language: Intersubjectivity and Usage**. Amsterdam: John Benjamins, 2021, p. 1-15.

SPERBER, Dan. **Explaining Culture: a naturalistic approach**. Cambridge: Blackwell Publishers, 1996.

STEEN, Gerard. The contemporary theory of metaphor: now new and improved. **Review of Cognitive Linguistics**, n.9, p. 26-64. 2011. DOI: 26-64. 10.1075/rcl.9.1.03ste.

TALMY, Leonard. The relation of grammar to cognition. *In*: RUDZKA-OSTYN, Brygida (Ed.). **Topics in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 165-205.

TALMY, Leonard. **Toward a Cognitive Semantics**. Volumes I e II. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2020.

TAYLOR, John. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

TAYLOR, John. Prototypes in cognitive linguistics. *In*: ROBINSON, Peter; ELLIS, Nick (Orgs.). **Handbook of cognitive linguistics and second language acquisition**. New York: Routledge, 2008, p. 39-65.

VALLE, Gabriela V. **Interações através de comentários no YouTube frente à temática do feminismo**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução e organização de Giovane Rodrigues e Tiago Tranjan. São Paulo: Fósforo Editora, 2022 [1953].